

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 017 05/05/2008 - Fone: 3340 3066

Cotação de Preços (05/05/08)	Recortes
<p>GRÃOS (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Feijão Carioca¹ - R\$ 110,00-140,00 / sc de 60 kg</p> <p>Milho² - R\$ 23,00 / sc de 60 kg</p> <p>Soja² - R\$ 41,00 / sc de 60 kg</p> <p>HORTALIÇAS³ (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Alface - R\$ 8,00 / cx de 7 kg</p> <p>Beterraba - R\$ 25,00/ cx 20 kg</p> <p>Cenoura - R\$ 17,00 / cx 20 kg</p> <p>Chuchu - R\$ 7,00 / cx 20 kg</p> <p>Couve Manteiga - R\$ 0,70 / (maço 500 g)</p> <p>Couve Flor - R\$ 25,00 / Dz</p> <p>Mandioca - R\$ 9,00 / cx 20 kg</p> <p>Morango - R\$ xxxx / caixa (04 cumbucas de 350 g)</p> <p>Pimentão - Campo R\$ 13,00; Estufa R\$ 15,00 / cx 12 kg</p> <p>Quiabo - R\$ 11,00 / cx 12 a 14 kg</p> <p>Repolho - R\$ 11,00 / sc 20 kg</p> <p>Tomate - R\$ 40,00 / cx 20 kg</p> <p>FRUTICULTURA³ (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Goiaba - R\$ 20,00/ cx 20 kg</p> <p>Maracujá - R\$ 1,00 / kg</p> <p>Tangerina Ponkan - R\$ 11,00 / cx 20 kg</p> <p>Limão - R\$ 9,00 / cx 20 kg</p> <p>PECUÁRIA</p> <p>Bovino</p> <p>Arroba⁴ - R\$ 70,00 Não Rastreado e R\$ xxxx Rastreado</p> <p>Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelorados)⁵ - R\$ 480,00 a 500,00</p> <p>Leite</p> <p>Litro⁶ - Latão: R\$ xxxx ; Tanque: R\$ 0,75</p> <p>Suíno⁷ - Vivo</p> <p>Kg - R\$ 2,75</p> <p>Aves⁷ - Frango Vivo</p> <p>Kg - R\$ 1,51</p> <p>- Galinha Caípira⁸</p> <p>Unidade (± 1,7 Kg) - R\$ 18,00</p> <p>Carneiro⁹</p> <p>Kg - R\$ 3,50 (Borrego) - carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50 ovelha e carneiro para descarte - carcaça R\$ 5,80</p> <p>Peixe¹⁰ (Tilápia) (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Kg - R\$ 2,50</p> <p>Avestruz¹¹ - vivo</p> <p>Kg - R\$ 3,00</p>	<p>Agricultura inflaciona custos da pecuária de leite e de corte</p> <p>Se a agricultura já brigava com a pecuária na "tomada" de áreas de pastagens, agora esta disputa fica ainda mais acirrada. A necessidade do uso dos grãos para a produção de biocombustíveis elevou a demanda pelas commodities e, conseqüentemente, seus preços. Por outro lado, aumentou a procura por adubos, também fazendo com que suas cotações disparassem. Conseqüência: o pecuarista leiteiro e o de corte estão vendo seus custos subirem mais que os ganhos. E o maior vilão, no ano, é o sal mineral: valorização de 45,3% no período, que disputa a matéria-prima com os fertilizantes, cuja alta na cotação no ano é de 25,5%.</p> <p>Grãos</p> <p>"Os custos mais altos estão reduzindo a margem do produtor. E é importante lembrar que no ano passado foi um ano bom para o leite", diz Maurício Nogueira, analista de leite da Scot Consultoria. Ele acrescenta que no caso da pecuária leiteira, os grãos têm um impacto maior nos custos totais (22% vêm do concentrado energético e 9% do concentrado protéico). De acordo com ele, hoje o produtor compra menos milho por litro de leite que em 2006, o pior ano da história para o preço do leite. Naquela ocasião, o valor médio pago era de R\$ 0,52 o litro (deflacionado) frente aos atuais R\$ 0,70 por litro. Pelas estimativas da consultoria, com um litro de leite é possível adquirir 1,6 quilos de milho. Em 2006 eram 1,87 quilos e a média desde o Plano Real (1994) fica em 1,73 quilos.</p> <p>Fonte: Gazeta Mercantil</p> <p>Agricultura: FAO propõe plano para incentivar aumento da produção</p> <p>Um plano de desenvolvimento que estimule os produtores de alimentos em todo o mundo e seja composto não só por ações coordenadas pelo Sistema Nações Unidas, mas também pelos governos e pela sociedade civil. Isso é o que é necessário para superar a crise provocada pela alta dos preços de alimentos, segundo o representante da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), José Tubino.</p> <p>"É todo um investimento que se tem que fazer. O que nós temos que lembrar é que durante as últimas duas décadas a comunidade internacional esqueceu a importância estratégica da agricultura no mundo e se investiu pouco dinheiro na produção agrícola".</p> <p>Fonte: Safra</p>

Alta de preços derruba barreiras

A disparada dos preços dos alimentos no mundo todo está conseguindo realizar o que sete anos de conversações sobre o comércio mundial não conseguiram: derrubar as barreiras às importações.

A Rodada Doha de negociações sobre o comércio mundial entrou em impasse desde 2001, pois os países em desenvolvimento se recusaram a baixar as tarifas sobre as importações, que protegem seus produtores rurais, e os países ricos não abriram mão de seus subsídios aos preços dos produtos agrícolas. Agora as tarifas sobre as importações estão sendo reduzidas em nações que vão do Brasil até Burkina Fasso, em reação aos preços, que, segundo o Banco Mundial, subiram 83% em três anos, e os subsídios concedidos nos Estados Unidos e na Europa estão caindo.

"O que os preços dos alimentos fizeram pela liberalização das importações Doha não conseguiria conquistar em um longo período de tempo", diz Arvind Subramanian, especialista em comércio mundial do Peterson Institute for International Economics de Washington.

Desde o início de 2007, quando os preços dos cereais começaram a subir, os países em desenvolvimento adotaram uma ampla série de medidas para aumentar as importações.

A Índia derrubou uma tarifa de 36 por cento incidente sobre a farinha de trigo importada, e a Indonésia eliminou as taxas que oneravam as importações de trigo e soja. O Peru aboliu as tarifas sobre trigo e milho. A Turquia reduziu as tarifas sobre as importações de trigo para 8 por cento, em relação aos 130 por cento anteriores, e sobre a cevada para zero, em relação aos 100 por cento anteriores. A Mongólia cancelou seu imposto sobre valor agregado sobre o trigo e a farinha importados.

Subsídios

Burkina Fasso suspendeu as tarifas de importação sobre quatro alimentos básicos em fevereiro, depois dos distúrbios ocorridos no país da África Ocidental devido aos aumentos dos preços. E o Brasil poderá eliminar sua tarifa de 10 por cento sobre o trigo importado. No total, pelo menos 24 países reduziram as taxas de importação e os impostos sobre valor agregado, segundo relatório divulgado no último dia 9 pelo Banco Mundial.

Nos EUA, os subsídios agrícolas deverão cair para menos de US\$ 8 bilhões este ano, em 2005 eram de US\$ 13 bilhões, diz David Orden, pesquisador do International Food Policy Research Institute. A União Européia deve reduzir em € 10 bilhões (US\$ 15,7 bilhões) de 2004 a 2006, segundo a OCDE.

Fonte: Gazeta Mercantil

Novas regras para vendas do mel

Com parâmetros mais flexíveis, definidos durante a reunião entre a câmara setorial da cadeia produtiva de mel e o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), os embarques de mel devem ser retomados dentro de 50 dias. A medida deve agilizar o embarque de mil toneladas de mel que já possuem contratos firmados com os europeus, o que corresponde a cerca de US\$ 3,5 milhões

A partir de agora, os apicultores que quiserem vender o produto aos europeus deverão obter um registro junto ao Escritório Regional (ER) de cada Estado, que é vinculado ao Serviço de Inspeção de Produtos Agropecuários (Sipag), ligado ao Ministério da Agricultura. Assim, o prazo para a liberação é menor do que junto ao Sistema de Inspeção Federal (SIF), que possui regras mais rígidas em relação à rastreabilidade e análise dos produtos. Com o ER, a análise do mel passa a ser feita no entreposto sem custo para o produtor, enquanto a exigência do SIF é de que seja feita no apiário.

O Ministério também apresentou um novo plano de investimentos na área de análises laboratoriais para toda a cadeia produtiva. "Está previsto no orçamento deste ano R\$ 11 milhões para a contratação de novos laboratórios através de licitação. Com isso, além do mercado externo, o interno passa a contar com uma melhor inspeção", disse Leandro Feijó, coordenador de controle de resíduos e contaminantes do Mapa. Ele explicou que o encontro também serviu para o governo prestar contas dos procedimentos que foram adotados após o embargo.

Desde o bloqueio, o setor apícola precisou arcar com o custo de mais de 1.000 análises laboratoriais para avaliação de qualidade, uma despesa em torno de R\$ 500 mil. Com a nova verba do governo, esse gasto deixa de ser do setor. "Só neste ano foram contratados 3 novos laboratórios, que também avaliarão produtos de outros segmentos, como o de carnes por exemplo", arremata Feijó.

No entanto, Joelma Lambertuci, Presidente da Associação Brasileira dos Exportadores de Mel (Abemel), avisa que para o setor só um laboratório foi contemplado com esse recurso. Para ela, o ER ajuda a amenizar a pressão para a reestruturação do setor. Com respeito a adequação dos apiários, ela disse que foram discutidas novas linhas de crédito.

Em 2006, ano anterior ao embargo, o mercado europeu comprou 27 mil toneladas do mel brasileiro, movimentando em torno de US\$ 67,5 milhões. Após o bloqueio, 85% da produção foi destinada aos EUA.

Fonte: Gazeta Mercantil